
A SOCIEDADE SOB OS OLHOS DO BRUXO DO COSME VELHO

ALMEIDA, Patrícia da Silva ¹
COSTA, Sueli Silva Gorricho ²

Recebido em: 2014. 01.28

Aprovado em: 2014. 07.01

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.1043

RESUMO: O presente trabalho busca na Literatura e nos Fatores Socioculturais, que são elementos interdependentes, mostrar que a sociedade serve artisticamente de pano de fundo para a arte. Na Literatura Brasileira o destaque da prosa Realista é Machado de Assis, um autor que embora considerado apático à vida social por alguns críticos, é um agudo observador da sociedade brasileira. O objetivo do estudo é expor a forma como ele permeia essas questões, destacando, sobretudo, sua forma de manipular as palavras por meio de sua linguagem. A metodologia se deu por meio da pesquisa bibliográfica e mostrou algumas das muitas artimanhas da escrita de Machado. A análise do conto “Pai contra Mãe” deixa uma visão mais profunda dessa obra, mostrando todo o ceticismo do autor com relação ao progresso, além de apresentar uma leitura alternativa. O resultado da análise mostra a questão da sugestão do estilo machadiano, e as pistas que Machado de Assis deixa em suas obras, principalmente, através do uso da ironia que o leitor às vezes não percebe, além de mostrar o panorama social em que a obra se insere e os problemas presentes na sociedade.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Machado de Assis. Sociedade.

SUMMARY: This study aims to seek in Literature and in social and cultural factors, which are interdependent elements, to show that society serves artistically as a scenery for Literature. In Brazilian Literature the highlight outstanding of Realistic prose is Machado de Assis. An author, although considered apathetic to social life by some critics, is an acute observer of Brazilian society. The aim of this study is to expose the way the author permeates these questions, noting especially his way of handling the words through their language. The methodological procedures used in this work were by a bibliographic study that showed some of many quirks of Machado’s writing style. The analysis of the tale “Pai contra Mãe”, shows all the skepticism of the author with respect to progress, gives a deeper idea of this work, besides presenting an alternative reading of the tale. The result of the analysis shows the suggestion of a machadiano style, and the clues that Machado de Assis gives in his works, specially using irony, which is not always noticed by the readers, besides showing the social view in which the work is inserted and the problems that are present in society.

Keywords: Brazilian Literature. Machado de Assis. Society.

INTRODUÇÃO

O trabalho analisa o conto “Pai contra mãe”, o primeiro do livro *Relíquias de Casa Velha*, publicado em 1906. Em suas observações, quanto à escravidão, postura e papel do negro na sociedade, Machado descreve questões cotidianas e complexas, com uma forma atual de compreender a sociedade, analisando, transfigurando e transcrevendo a alma humana. Neste conto, o autor que é um observador agudo da vida brasileira, se mostra desiludido quanto à civilização e cético em relação à revolução pela qual passava a sociedade do século XIX.

Com o desenvolvimento da psicologia moderna, a análise social não se estaciona na descrição superficial, de caracteres dos personagens, Machado traz uma observação profunda da sociedade, expondo-a artisticamente. Com isso tornam-se nítidas, ou não, haja vista a forma como o Bruxo³ manipula as palavras, as máscaras usadas para se viver em grupo, suas hipocrisias e mazelas.

A LITERATURA E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

¹ Prof.^a Me do curso de Letras; área de Literatura Brasileira, e de Pedagogia; área de Literatura Infantil

² Graduada em Letras

³ Expressão usada por Carlos Drummond de Andrade.

Ao falar de Literatura no Brasil é importante conhecer sua contextualização histórica para compreender o envolvimento social, econômico e cultural que viriam a acontecer. De acordo com Bosi (2001), o *complexo colonial* brasileiro consistiu, além da exploração da terra, na ocupação dos pensamentos, ou seja, o Brasil fornece à Metrópole a matéria prima que esta necessita, e subordina-se intelectualmente; a cultura é de origem externa, europeia em sua maior parte.

Todos os escritores trouxeram sua contribuição por menor que fosse. Desde Anchieta, o fundador de nossa literatura. A luta foi árdua, dada a mó colonizadora, que não dava azo à menor demonstração neste sentido, retirando da Colônia todo e qualquer instrumento cultural que porventura surgisse. Mas de nada adiantou pretenderem abafar o nosso nativismo, a nossa ânsia de independência cultural. E, diga-se de passagem, foi no terreno cultural que a independência se efetuou primeiro. (COUTINHO, 2003, p. 342)

Pode-se notar o esboço da ruptura cultural brasileira, com o surgimento das ideias importadas no século XVII, quando a Inconfidência Mineira desperta e acentua a consciência nativista. Além disso, a Colônia busca no Iluminismo, onde os ideais franceses de liberdade, igualdade e fraternidade são vigentes, novas formas de pensar para interpretar e retratar os acontecimentos da época. (BOSI, 2001)

Os homens que escrevem aqui durante todo o período colonial são, ou foram formados em Portugal, ou formados à portuguesa, iniciando-se no uso de instrumentos expressivos conforme os moldes da mãe-pátria. A sua atividade intelectual ou se destina a um público português, quando desinteressada, ou é ditada por necessidades práticas (administrativas e religiosas etc.). É preciso chegar ao século XIX para encontrar os primeiros escritores formados aqui e destinando a sua obra ao magro público local. (CANDIDO, 2000, p. 99)

A realidade brasileira passa a ser discutida, mesmo que pela maioria com superficialidade, com o surgimento da imprensa e as publicações dos primeiros jornais e revistas com traços literários. Desses periódicos surgem os “folhetins”, que contém as crônicas dos acontecimentos da semana ou do dia. Com essa propagação da escrita brasileira, mesmo que de início de uma forma tímida, isso faz com que se abra o leque de auto avaliação das possibilidades de escrita e destinos literários brasileiros. (CASTELLO, 1999).

A partir de então, com o surgimento do Romantismo, a exaltação do país, o índio como o “bom selvagem”, o herói, filho da terra; a Literatura se mostra como um instrumento de expressão social, algo explícito na poesia social de Castro Alves. (BOSI, 2001).

O tema da Abolição e, em segundo tempo, o da República serão o fulcro das opções ideológicas do homem culto a partir de 1870. Raras vezes essas lutas estiveram dissociadas: a posição abolicionista, mas fiel aos moldes ingleses da monarquia constitucional [...] a norma foi a expansão de uma ideologia que tomava aos evolucionistas as ideias gerais para demolir a tradição escolástica e o ecletismo de fundo romântico ainda vigente, e pedia à França ou aos Estados Unidos modelos de um regime democrático. (BOSI, 2001, p.164).

Além disso, o século XIX traz muitas transformações, a burguesia crescente, a industrialização, a mecanização e a entrada da ciência no mundo ideal, além disso, as significâncias que esses valores representam para a sociedade são de grande influência no Brasil.

Segundo Coutinho (2002), o mais significativo acontecimento do século XIX, é o surgimento da biologia, que completa as teorias da sociologia e dá aos acontecimentos um caráter darwiniano ou evolucionista. A ideia de evolução passa a nortear o homem, e ser o novo ideal científico, além disso, a sociedade começa a ser vista a partir do ponto de vista biológico “*origem e história natural*”.

Acrescentara-se o constante desenvolvimento e progresso, os princípios são mecanicistas e a sociedade é estudada em sua essência. O liberalismo se mostra e os dogmas religiosos se abalam com os novos pensamentos, ou seja, o positivismo traz consigo questionamentos, e repele explicações de fim teológico e dogmático.

Esse foi, pois, o *zeitgeist*, o espírito da época, a concepção geral da vida que a dominou e lhe deu fisionomia espiritual típica: culto da ciência e do progresso, evolucionismo, liberalismo, iluminismo, determinismo, positivismo, contra-espiritualismo, naturalismo. Esse é o complexo espiritual que caracterizou a geração do materialismo. (COUTINHO, 2002, p. 8)

No viés literário, o Realismo, em oposição ao subjetivismo romântico, descreve a realidade tal como é, cultua os fatos, traz a exatidão e minúcia na descrição, a precisão de detalhes e partilha do mesmo princípio de objetividade científica. Já na literatura, o Naturalismo, primando pelo Cientificismo e Determinismo, teoria na qual o meio e raça determinaria o produto social.

Coutinho (2002), ao descrever as características do Realismo, observa que antes de ser um *gênero literário acabado*, é um temperamento, uma tendência e uma preferência de encarar os fatos, e deixar que o real domine os sonhos. O Realismo procura representar a verdade. Para que isso ocorra, há um elemento fundamental: a verossimilhança, que é trabalhada minuciosamente no arranjo das obras.

O regionalismo literário correlaciona o espírito humano ao seu ambiente. Manifesta-se nas reações do indivíduo, além da cultura regional oferecer à literatura assunto (paisagem física e cultural, costumes locais, lendas, mitos, tipos, linguagem, etc.), técnica (modos de expressão nativos e populares, estilo) e ponto de vista (valores culturais mantidos pela tradição). (COUTINHO, 2002)

“As regiões não dão lugar a literatura isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país”. (COUTINHO, 2002, p.237)

Quanto à técnica utilizada para reforçar a realidade, observa-se o uso de detalhes, o requinte na descrição, a minúcia e as digressões. Já como pano de fundo apresenta as transformações sociais e econômicas.

Pode-se afirmar que duas direções marcaram a evolução do Realismo no Brasil: a corrente social, atraída pelos problemas sociais, pelos temas urbanos, contemporâneos, pelos materiais comuns da vida cotidiana, e segundo a qual o Realismo às vezes para o Naturalismo, quando assume posição filosófica e se submete à luz de uma “teoria”; e o movimento regionalista, que põe relevo a cor local, o papel da Terra, que é a verdadeira personagem desta literatura. (COUTINHO, 2002, p. 17-18).

Os fatores socioculturais, presentes na arte em geral, se manifestam desta forma: “os primeiros na definição da posição social do artista, ou na configuração dos grupos receptores, os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua feitura e transmissão.” (CANDIDO, 2000, p.21).

Candido (2000, p.18), ainda questiona a força que o meio exerce sobre a obra de arte e vice versa: “Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte, completada por outra questão: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”.

Ainda que o meio torne a obra social, “não convém separar a repercussão da obra com sua feitura” (CANDIDO, 2000, p.21), isso porque ela só está concluída quando seu objetivo de comunicação for efetivado, ou seja, lido ou visto pelo público uma vez que a obra de arte tem aspecto expressivo.

No que tange a comunicação artística, é pertinente observar os três elementos aos quais o crítico se refere: autor, obra e público. (CANDIDO, 2000).

A posição social do artista guia-o ao determinar a ocasião da obra a ser produzida, ao indicar sua necessidade de produção e ao mostrar se vai ou não ser um bem coletivo. Assim, os elementos típicos da individualidade são sociais na medida em que acrescentam algo para as necessidades coletivas, estas representando a expressão no grupo. Já a obra “depende do artista e das condições sociais que determinam sua posição”. (CANDIDO, 2000, p.30).

A Literatura não é um sistema estagnado em sua feitura, e não deve ser vista sob o aspecto apenas formal e linear, ela se encontra em constante mudança, assim como se altera a linguagem e as opiniões. (CANDIDO, 2000).

A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2000, p. 74)

De acordo com a época os significados das obras mudam, sua essência pode mudar de acordo com os valores do público leitor, por isso não se estagna; desta forma, não é nunca composta de uma só verdade, pensando na literatura, esta “é historicamente formada, e registra de algum modo o processo social a que deve sua existência” (SCHWARZ, 1977, p.25).

O autor

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasce no morro do Livramento. Filho do pintor e dourador Francisco de Assis e da lavadeira Maria Leopoldina Machado de Assis. Afilhado de Maria de José Mendonça Barroso, viúva do senador, oficial general do exército, ministro duas vezes de D. Pedro I e da Regência Trina, Bento Barroso Pereira, Machado cresce entre sua humilde casa e a grande chácara de sua madrinha. Da vivência nesta dualidade nascerá a mistura de ambição e aceitação da hierarquia social e seu gosto pela fidalguia, sobre a qual por vezes escapa o tom de simpatia e raramente se pronuncia sobre suas origens humildes. (COUTINHO, 2004a)

Candido (1995), tirando-lhe o aspecto costumeiro e romântico, de atribuir aos grandes escritores um valor enorme ao sofrimento e ter finalmente chegado à glória por causa disso, visto que mestiços como Machado, que começam pobres acabam também recebendo títulos de nobreza.

Tipógrafo, repórter, funcionário modesto, finalmente alto funcionário, a sua carreira foi plácida. A cor parece não ter sido motivo de desprestígio, e talvez só tenha servido de contratempo num momento brevemente superado quando se casou com uma senhora portuguesa. E sua condição social nunca impediu que fosse íntimo desde moço dos filhos do Conselheiro Nabuco, Sizenando e Joaquim, rapazes *finos* e cheios de talento. (CANDIDO, 1995, p. 15)

Sua educação é produto de escola pública, e através do parágrafo de “Contos de Escola” (1904) possivelmente encontra-se uma descrição, espécie de autobiografia de sua inteligência. (COUTINHO, 2004a)

Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola. Mas era. Não digo também que eu era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos. (ASSIS, 1904 *apud* COUTINHO, 2004b, p. 549-550)

Aos dezesseis anos começa sua carreira como aprendiz-tipógrafo na Imprensa Nacional. Torna-se revisor na Livraria de Paula Brito, aos dezoito anos, onde são escritos romances-folhetins, e em cuja revista, *A Marmota*, compôs seus primeiros versos. Logo após, torna-se tipógrafo na Imprensa Nacional, sem sucesso volta como revisor a casa de Paula Brito. (BOSI, 2001)

Em 1858 começa a apresentar trabalhos em prosa, estreando-se no ensaio “O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura”, mostrando já sua alta capacidade de análise crítica. (COUTINHO, 2004a)

A literatura lhe servia de derivativo. E, assim, pode viver de seu trabalho, de sua disciplina, de sua inteligência - e através desta, olhando o mundo, observando-o, ia acumulando, insensivelmente, o material para sua grande arte. (COUTINHO, 2004a)

Em 1860 torna-se redator no Diário do Rio de Janeiro, por influência de Bocaiúva, neste posto fica incumbido de fazer resenhas dos debates do Senado, já com linguagem sarcástica, além de produzir críticas teatrais escreve quase todas as suas comédias teatrais e versos ainda românticos das *Crisálidas* (ASSIS, 1864 *apud* COUTINHO, 2004a).

Segundo Coutinho (2004), Quintino Bocaiuva o auxilia no aperfeiçoamento do estilo crítico, faz Machado participar, ativamente, da vida da época, criticando por vezes com uma ponta de humor.

Em 1861, Machado publica pela tipografia de Paula Brito a *Queda que as Mulheres Têm Para os Tolos*, no mesmo ano é lançado ainda *Marmota- Hoje Avental, Amanhã Luva*, sua primeira experiência teatral, e *Desencantos*.

Segundo Coutinho (2004a), esses trabalhos todos, ainda não mereciam muito elogio, a não ser certo desembaraço no estilo, além disso, *Queda que as Mulheres têm Para os Tolos*, fosse talvez o desabafo de uma decepção amorosa, pois possui certo tom pessoal, as outras nem isso, são apenas “clichês”. Em 1862, escreve duas peças: *O Caminho da Porta* e *O Protocolo*, tais obras são reunidas em um livro onde, no prefácio traz um trecho de uma correspondência trocada entre ele e Quintino Bocaiuva: “Tenho o teatro por coisa muito séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente”; em resposta Quintino aconselha: “São belas, porque são bem escritas”; “são valiosas como artefatos literários”, mas “frias e insensíveis como todo sujeito sem alma”. Deseja que Machado apresente “nesse mesmo gênero um trabalho mais sério, mais novo, mais original e mais completo”.

A fase de Romances convencionais tanto pelos traços predominantes do século XIX quanto pelo trato social que as obras levam, não há nesta fase críticas não há objeções ao modo de vida da sociedade brasileira nem aos desejos de ascensão social. (SCHWARZ, 2011)

Aos trinta anos casa-se com, Carolina Xavier de Novais sua companheira de toda a vida, e que após sua morte lhe inspira a bela *Dona Carmo* do *Memorial de Aires* (ASSIS, 1908 *apud* COUTINHO, 2004a). No funcionalismo público, Machado de Assis ocupa todos os postos, desde amanuense até diretor-geral de Contabilidade, em 1902, no Ministério da Viação. (BOSI, 2001)

Machado abre as portas do Realismo brasileiro com a obra em que o autor atinge maturidade em seu estilo, e que segundo Bosi (2011), foi a de mais importante “revolução formal” da Literatura Brasileira: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), nesse romance encontram-se as principais

características do estilo machadiano: ironia, pessimismo, digressões, conversas com o leitor. Machado traz essa maturidade para suas obras seguintes: *Histórias sem data* (1884), *Quincas Borba* (1892), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (1904) *Relíquias de Casa Velha* (1906).

Durante sua vida, é sempre apoiado seja por seus amigos do jornal onde era tipógrafo, e seja pela amizade com escritores já influentes, aos cinquenta anos é considerado o maior escritor do país. Aos sessenta anos Machado de Assis já é “patriarca das letras”, mentor e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897. No fim do século já é considerado o maior romancista brasileiro. (CANDIDO, 1995, p.16).

Apesar da sociabilidade no mundo literário “ficaram proverbiais a fria compostura corporal e o absenteísmo político que manteve nos anos derradeiros [...]” Machado pouco sobrevive à morte de Carolina, sua companheira, em 1904. Machado de Assis morre vítima de uma úlcera cancerosa aos sessenta e nove anos de idade. (BOSI, 2001)

No conto brasileiro, Machado de Assis é o grande nome, em que quase tudo é de primeira ordem e a maior parte de páginas perfeitas, são cerca de duzentos contos, (PEREIRA, 1949).

Se o nosso conto literário não começou com Machado de Assis, firmou-se com ele recebendo-lhe das mãos trato que nenhuma das outras anteriormente lhe haviam dado e feição nova e característica com o interesse dos temas e alinhado e cuidado do estilo. (OLIVEIRA, 1922 *apud* COUTINHO, 2003, p.47)

Machado apesar de toda minúcia na descrição, molda personagens que se tornam palpáveis e que convencem o leitor, de fato. Nas palavras de Assis: (1866 *apud* COUTINHO, 2004a, p.57),

Se a missão do romancista fosse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação (...). O poeta daria a demissão, e o cronista tomaria a direção do Parnaso. Demais o autor podia, sem alterar os fatos, fazer obra de artista, criar em vez de repetir. [...] A poesia não tem o dever de copiar integralmente a história, sem cair no papel secundário e passivo do cronista. [...] a simples narração de um fato não constitui um romance, fará quando o muito uma *gazetilha*; é a mão do poeta que levanta os acontecimentos da vida e os transfigura com a varinha mágica da arte. A crítica não aprecia o caráter de tais e tais indivíduos, mas sim o caráter das personagens pintadas pelo poeta, e discute menos o sentimento das pessoas que a habilidade do escritor.

Machado de Assis, transformador da Literatura, pode-se dizer que com ele inicia-se a feitura da obra genuinamente brasileira. Seja pela análise psicossocial profunda de suas obras, seja pelo “sentimento íntimo” (essa expressão canonizada será explicada posteriormente), seja ao lidar com questões sociais, observando a realidade a que estava envolto e reproduzi-la artisticamente, de forma magistral.

Atualmente, são vários os epítetos (espécies de apelidos consagrados) usados para se referir ao autor: “Um Mestre na Periferia do Capitalismo”, “Bruxo do Cosme Velho”. Este último, que faz parte do título do trabalho, teve sua expressão consagrada quando da publicação da poesia **A um bruxo, com amor** por Carlos Drummond de Andrade. O poeta faz referência ao autor, Machado de Assis, como bruxo, devido sua forma de escrever mostrando-se um exímio ludibriador dos leitores menos avisados, e à Rua Cosme Velho, no Rio de Janeiro, onde ele morava. Drummond em tom de profunda admiração faz um passeio por entre as obras de Machado de Assis por meio do poema *A um bruxo com amor*.

Algumas obras de Machado de Assis e os fatores socioculturais

Com o olhar voltado para uma realidade em transformação, os escritores do século XVII em diante, procuram apresentar sob o grito de denúncia, alerta, ironia ou crítica problemas e mudanças que as questões socioculturais possam vir a influenciar na vida das pessoas ou na literatura da época. Essa fase, Machado de Assis, o grande mestre da prosa do Realismo, sabe muito bem retratar nas suas obras.

A criação de uma literatura nacional recai sobre a Escola Romântica, que trazia em suas obras uma caracterização do Brasil de forma superficial. O que segundo Schwarz (2008), seria “dados de convenção”⁴, muitas vezes não se atentando aos fatos que envolviam a sociedade que compunha o Brasil.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros. Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas. [...] Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. (ALENCAR, 2000, p. 15-16)

Machado busca equilíbrio entre a contribuição do povo na arte literária e a arte de escrever. “Machado de Assis conservava o segredo clássico e meditava a obra universal que iria ser depois a mais brasileira de todas”. (COUTINHO, 2002, p.158)

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que as empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço. (ASSIS, 1873 *apud* COUTINHO, 2004, p. 34)

Segundo Coutinho (2002), após toda reflexão e amadurecimento da arte, Machado com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880 *apud* COUTINHO, 2004a), descobre sua verdadeira vocação, que é contar a essência do homem, em sua precariedade existencial. Em seus personagens permeia a instabilidade de caráter. Uma das críticas morais mais recorrentes em suas obras é o que Coutinho define como “restituição ou compensação em série”. Um se mostra (e age) com superioridade em relação ao outro, trazendo para si satisfação em ser superior, e um transmite a outro (o oprimido) aquilo que sofria, como maneira de transferir um sofrimento outrora sofrido. Machado mostra a relação entre opressores e oprimidos. (COUTINHO, 2002)

Quanto ao processo de produção de suas obras, Schwarz (2002), afirma que Machado de Assis usa tudo de melhor que os prosadores brasileiros já haviam escrito, aprimora suas ideias, e sobre seus escritos elabora sua arte, por sua vez superior. Salienta, em face desta afirmação, que interessa para a crítica literária como Machado se utiliza desta literatura de “segunda ordem”⁵ com questões banais, para torná-la literatura de alta categoria.

⁴ Informação verbal, obtida na intervenção do crítico no Simpósio “Caminhos Cruzados”.

⁵ Informação verbal, obtida em entrevista ao Programa Obra Aberta, em 2002.

Para ilustrar a comparação, o crítico utiliza a obra *Lucíola* (1862), de José de Alencar, na cena da orgia do salão vermelho em que *Lucíola*, uma “prostituta virtuosa”, ou seja, se prostitui para ajudar educar seu irmão; faz poses em cima da mesa em meio a gritos e a festa dos rapazes. (ALENCAR, 1988)

Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), Machado nos traz *Marcela*, uma moça de vida fácil, e com ela há uma cena parecida com a de *Lucíola*, onde a moça dança e se veste como *Brás* deseja, com a clara condição de ele dar o que a moça lhe cobra, ou seja, há aí uma retomada, mas já nesta personagem não há propósito educativo, ela quer mesmo tirar-lhe o dinheiro. (ASSIS, 1880 *apud* COUTINHO, 2004a)

Schwarz (2008), lembra também que no romance de José de Alencar, *A Pata da Gazela* (1873), onde apesar de a personagem principal ser manca, o livro tem um final feliz, as aparências aqui não importam (ALENCAR, 1988). Machado retoma a questão em *Memórias*, onde *Eugênia* uma moça que apesar de características grandiosas é coxa e socialmente inferior, mas já usa de sarcasmo e mais maldade, para cruelmente mostrar o desfecho da história ao leitor.⁶

“*Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa!*” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004a, p.554), ou ainda a máxima: “Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita?” (ASSIS, *apud* COUTINHO, 2004a, p. 554). O defeito físico de *Eugênia* a impediria de ser uma esposa perfeita? No entanto, *Eugênia* é repelida por *Brás* por conta de sua imperfeição física. Há aqui a crítica social, que observa que o que é imperfeito e inviável é cortado da sociedade de forma cruel. O que se destaca primeiro em suas obras são “a sua ironia e o seu estilo, concebido como *boa linguagem*” (CANDIDO, 1995, p.18).

[...] e a palavra que melhor reúne para a crítica do tempo talvez seja *finura*. Ironia *fin*, estilo *refinado*, evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente. A isto se associava uma ideia geral de urbanidade amena, de discrição e reserva. (CANDIDO, 1995, p. 18).

Nos contos, embora Machado tenha levado um tempo até se estabelecer como contista, segundo *Pereira* (1949, p.167), em *Papéis Avulsos* (1882 *apud* COUTINHO, 2004a), ele se revela um mestre no gênero. “Mestre é bem o termo, porque não teve exemplos na sua língua, nem talvez nas estrangeiras, e até agora ainda não encontrou quem o suplante.”

Nas observações de *Castello* (1999, p.369), Machado de Assis é a “figura síntese” do século XIX, pois além de tudo o que foi dito, ele escreve praticamente todos os gêneros literários: sendo poeta, romancista, jornalista, dramaturgo, contista, folhetinista, crítico literário; enriqueceu o gênero narrativo, sobrepondo o individual ao social, na investigação do destino humano e aproveitando o que ele reconhecia como positivo nos estilos literários do momento.

Da crônica para o conto e o romance, a distinção substancial consiste no compromisso direto da primeira com a realidade cotidiana, do nível individual ao social e político, enquanto os dois outros, visando à criação de universos autônomos, são síntese da condição humana em determinado espaço e tempo. (CASTELLO, 1999, p. 370).

Ainda no conto, Machado procura sempre “analisar sentimentos sutis dos personagens, decompor almas”. “Os outros fazem os personagens atuar. Machado fá-los pensar”. (COUTINHO, 2004, p. 12).

⁶ Informação obtida em apresentação no Simpósio da FLIP, em 2008.

“Se o conto literário não começou com Machado de Assis (...) firmou-se com ele, recebendo-lhe das mãos trato que nenhuma das outras anteriormente lhe haviam dado e feição nova e característica com o interesse dos temas e alinhamento e cuidado do estilo”. Coutinho (2003, p.47).

Conduzido pelo dom, pela vocação de contador de histórias, sabe encarar a vida diretamente e dar à narrativa a feição de oralidade, de modo a transmitir ao leitor a sensação de que está, não lendo, mas ouvindo contar. É importante isto. Em verdade, uma história não deve-se ler, deve-se escutar. Aí está a graça da especialidade. Machado, no conto, não descreve, mostra, fala. Quando os personagens tem que se caracterizar, conversam uns com os outros, e eis por que vemos, continuamente, muitos diálogos nos contos. (COUTINHO, 2004, p. 47).

Quanto à interpretação da sociedade nas obras, além da análise dos caracteres morais, o discurso do narrador em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880 *apud* COUTINHO, 2004a) permite ao leitor acesso à sociedade oitocentista brasileira, nas palavras do crítico Schwarz.

Oito anos antes da abolição, o Machado de Assis teve a argúcia, teve a inteligência de dizer: aqui vai haver abolição da escravidão, mas a estrutura básica da sociedade não vai mudar. Quer dizer, não é verdade que o Brasil esteja progredindo em direção de uma sociedade igualitária.⁷

Ao relacionar escritor e obra, como produto tem-se uma escrita que convence, sempre beirando a realidade. Machado de Assis deixa a ilusão da realidade utilizando a verossimilhança, ou seja, o que faz a arte parecer verdadeira, através da percepção do autor infere-se a realidade.

A realidade de uma obra de ficção- isto é, a sua ilusão de realidade, o seu efeito sobre o leitor como leitura convincente da vida- não é necessariamente, ou antes, de tudo uma realidade da circunstância, do detalhe[...]. A verossimilhança do detalhe é um meio de ilusão[...]. (WELLEK; WARREN, 2003, p.286).

Relacionando ainda o ceticismo nas obras do autor, obtém-se não um retrato ou transfiguração da sociedade, mas sim uma interpretação dela. Junto a incredulidade dele a respeito da evolução do Brasil, está o ceticismo do autor em relação a inserção do negro numa ordem social igualitária, pois mesmo após a Abolição, as sugestões dessa posição sempre são dadas através das lacunas ou pistas dos seus textos.

Nascimento (2002, p.53), comenta as origens de Machado: negro, filho de um escravo alforriado e, portanto a relação magistral que teria com o tema:

Machado deveria tratar com maestria este aspecto. E tratou. Com maestria e coerência. Maestria porque não é nas linhas que se deve buscar esta questão. O que está escrito não conta. Conta o que não foi dito nem visto com os olhos de fora; e o que fica fora das linhas permanece latente nos nervos do texto onde os olhos de dentro reclamam. Coerência porque seu compromisso era retratar a sociedade tal qual se lhe apresentava, e aí, o negro não constituía uma representação significativa, melhor dizendo, nem mesmo como ser social era reconhecido. [...] E representar a sociedade no caso de Machado era, maioria das vezes, frequentar salões. Daí a lacuna, a ausência do negro em sua obra. Numa sociedade escravocrata, onde senhor é senhor e escravo é escravo, os salões não abrigavam este segundo segmento. Neste espaço, o negro não transita; escapa ao campo de visão do retratista.

Os personagens de Machado são, em sua maioria, comprometidos com a opinião pública, e a relação que têm com a sociedade é de manter-se com a imagem intacta, tendo os olhos ao redor como

⁷ Informação Verbal, obtida no vídeo “Mestres da Literatura”.

parâmetro. Quando se apresentam em grandes salões e festas grandiosas; espaços públicos utilizam sempre máscaras que quanto mais justas mais perfeitas à situação, melhor a imagem pública e a convivência mais agradável.

Machado descreve sutilmente a vida da elite brasileira. Em sua crítica Schwarz (2000, p. 63-64), dá um panorama da “Feição social do narrador” de Memórias Póstumas de Brás Cubas:

Subordinado ao capricho, o elenco das finalidades-mestras da vida burguesa toma feição barateada, com alguma coisa de opereta. Assim, no lugar do Estudo temos alguns anos de folia em Portugal; no da poesia, os ademanos literários de um viúvo recentíssimo; e no da Política, um discurso parlamentar sobre a conveniência de diminuir em duas barretinas da Guarda Nacional, de modo a torna-las mais leves e maneiras. A filosofia é representada por reflexões sociais inspiradas em brigas de cachorro, ao passo que a invenção do Emplasto Brás Cubas faz às vezes de Ciência e Livre Empresa.

Brás leva uma vida de caprichos observado o teor satírico das “afetações” do narrador quantos às Ciências, Filosofia. Essas “afetações” acompanham as pretensões do narrador, de glória e fortuna. Nenhuma das pretensões aqui é perseguida com muito afinco, e fica ilustrada a máscara de Brás. Machado narra à maneira de um proprietário do século XIX, proprietário de escravos, o narrador dá “a pena para o senhor”⁸.

Em contrapartida às elites presentes nas obras do bruxo, segundo Nascimento (2002, p.55) o negro pouco aparece, é pouco citado: “Não há função para o negro nessas esferas, e não há função porque não é classificado socialmente” [...]. “Não há papéis para o negro aí.”. Isso porque alguns comentários esparsos deixam claras as perspectivas do autor. As alusões cuidadosas repercutem nas obras, são insinuações que aos mais atentos trazem a denúncia, “um recurso caro ao humorismo machadiano, mais amigo da insinuação venenosa que da denúncia”. (Schwarz, 2000, p.112)

Para ilustrar a afirmação de Schwarz (2000), faz-se um paralelo acerca do tema, dando enfoque nas obras de Machado de Assis, o conto Pai contra mãe (1906 *apud* COUTINHO, 2004b) e relacionando às obras do mesmo autor: Memórias Póstumas de Brás Cubas (1880 *apud* COUTINHO, 2004a) e Dom Casmurro (1900 *apud* COUTINHO, 2004a).

No conto Pai contra Mãe (1906 *apud* COUTINHO,2004b), o escravo é representado pela negra Arminda, que valia cem mil réis. Esta é retratada como um negócio a ser capturado, resolvido e após a recompensa paga, ponto final. Não importa em que condições isso aconteceria. A escrava aqui não tem voz, e quando tem, não é ouvida. Pode-se perceber uma relação do conto Pai contra mãe (1906 *apud* COUTINHO,2004b), com a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas (1880 *apud* COUTINHO,2004a), quando se trata da questão do escravo na sociedade brasileira, ser desumanizado, passível de joguetes e, apesar de alforriado, no caso de Prudêncio, e da fuga da grávida Arminda, pois ao fim ambos reconhecem o legítimo dominador; após uma momentânea luta contra a opressão, ainda que um alforriado e outro fugitivo, vem a resignação.

PAI CONTRA MÃE - O CONTO

O primeiro conto do livro **Relíquias de Casa Velha** (1906) vem precedido de uma “**ADVERTÊNCIA**” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.658) que segue:

⁸ Informação Verbal obtida no vídeo “Mestres da Literatura”.

ADVERTÊNCIA

Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora.

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta [fortuna](#) daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha.

MACHADO DE ASSIS

O conto *Pai contra Mãe* (1906 *apud* COUTINHO, 2004b), conta a história de Cândido Neves, homem pouco dado ao trabalho, branco, livre e pobre, que, num momento econômico e familiar delicado, tendo antes tentado vários trabalhos e não se “adaptado” em nenhum, se vê na alternativa de pegar escravos fugidos, que “era um ofício do tempo”. Casa-se com Clara e tem um filho, a situação financeira piora e segundo a orientação da tia de Clara, (Tia Mônica) o bebê devia ser entregue ao orfanato (Roda dos Enjeitados), Cândido, agora capturador de escravos descobre casualmente uma “mulata fujona”, que lhe renderia algum dinheiro se a capturasse; por ter uma relação de desigualdade e diferença sociais, pelo menos a uma primeira impressão.

Captura a negra que é presa, apesar de sua súplica, uma vez que está grávida. Indiferente a sua situação, movido pelo egoísmo, e pelo desejo de poder criar o filho, Cândido a amarra e a arrasta para seu “senhor”, de quem recebe a recompensa anunciada. Cem mil réis, não é muito, mas colocaria arroz e feijão na mesa. Neste momento, trava-se outra luta, provocando na escrava o aborto. Paradoxalmente, Cândido intencionava salvar seu filho. Indiferente ao espetáculo que presencia, ele volta para casa feliz, livrando o filho do orfanato. Tia Mônica o perdoa, porque vem com a criança e com o dinheiro.

Machado inicia o conto com quatro parágrafos de descrição, fato curioso, pois na maioria de suas obras não há muita descrição pura e simples. Aliás, de pura, tal descrição não têm nada. Conforme Muniz (1996, p. 3), “Longe disso, é um conto com um tom de crueldade poucas vezes visto no nosso autor”. Apesar do tempo de narração ser posterior à abolição da escravidão, a história a ser narrada acontece há meio século, ou seja, no regime escravocrata. No primeiro parágrafo do conto, Machado trata de descrever alguns castigos que sofriam os escravos:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. (grifo nosso) (ASSIS, 1906, *apud* COUTINHO, 2004b, p.659)

Após descrever a máscara, caracteriza sua função social: “Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficam dois pecados extintos, a sobriedade e a honestidade certas.”

A descrição dos castigos feita com uma candura indubitável. Estranha-se “castigos” e “candura” na mesma frase. Um tom de fingida naturalidade.

Observa-se a ironia ao falar do que estabelecia a ordem social, ou do que era considerada ordem na época: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”. (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b)

Candido (1995, p.22-23), deixa teorizada a técnica de Machado:

[...]este arcaísmo parece ser bruscamente moderno[...], procuram sugerir o todo pelo fragmento, a estrutura pela elipse, a emoção pela ironia e a grandeza pela banalidade. [...]E o mais picante é o estilo guindado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode parecer academicismo, de outro sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio, como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor. [...] A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas de maneira mais cândida; [...] ou em estabelecer contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário[.]

Observa-se ainda a naturalidade ao falar das pancadas que os escravos sofrem, dita aqui em forma quase consensual, pela “normalidade social” que traz. A nitidez irônica ao falar da forma de assegurar as propriedades, à moda do século XIX: “Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói.” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p. 659).

O trabalho de pegar escravos é apresentado como “Ofício do tempo”, a serviço da ordem e da lei, além de não ser reconhecido como nobre, era nobre apenas para os proprietários de escravos:

Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.
Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras [...]

A narração da história de Cândido Neves, Clara e Tia Mônica enfim começa. Antes de qualquer coisa vale atentar para a brincadeira com os nomes dos protagonistas, sobretudo de Cândido Neves, que de cândido, ao fim vê-se que não tem nada. Voltando à narração, Candinho então se apaixona por Clara e decidem se casar. Unir-se-iam então as misérias do triângulo Clara-Cândido e Tia Mônica. As duas cosiam para viver. Casados então e vivendo miseravelmente os três na mesma casa, o casal queria um filho; mesmo que isso piorasse a situação econômica. Tia Mônica sempre tentando manipular a situação a seu modo, ou seja, tenta persuadir o casal ao longo do conto, preocupando-se sempre com a barriga e com o dinheiro: “Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome” (ASSIS *apud* COUTINHO, 2004b, p. 661).

Descoberta a gravidez de Clara, o dinheiro entra a escassear, Cândido passa então a colecionar recortes de escravos fugidos, já que o ofício não requeria maiores especializações: “Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda.” Perto do nascimento da criança, Tia Mônica investe mais uma vez: “deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados” e tenta ainda justificar as palavras e a ação do futuro pai: “mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que esse ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada.” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.663 - 664).

Logo após a “solução” dada por Tia Mônica, aparece o senhorio cobrando aluguel e se não pagassem estavam despejados. Passa a figurar no conto uma nova classe social trazida pela colonização: o “homem livre”. Pois sim, há latifundiários, escravos e o resto? E os brancos pobres e livres? Essa classe vem sob a imagem do agregado. Figura não rara nas obras de Machado, por exemplo, o José Dias de Dom Casmurro. Voltando a situação de Cândido, o pobre homem sem dinheiro para pagar aluguel, passa a viver

de *favor*. “Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande.” (SCHWARZ, 1977, p.16).

“Assim sucedeu. Postos fora da casa passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança.” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.664).

Nascida a criança, Tia Mônica insiste na ideia de abandoná-la, aliás ela mesma queria levar o recém-nascido à Roda dos Enjeitados, na Rua da Ajuda, mais uma ironia com nomes (grifo nosso). Candinho disse que não, que na pior das hipóteses ele mesmo levaria seu filho. No dia do abandono, Candinho revê todos seus recortes de escravos, e sai a procurar uma escrava cuja recompensa é de cem mil-réis, sem sucesso retorna a casa e pega tristemente o menino a ser levado até a Roda.

No caminho vê um vulto de mulher, a escrava fugida. Entrega a criança a um farmacêutico e sai. Captura a escrava, tal como seria o branco dominador: “Os brancos detêm o poder social, político e econômico, enquanto os negros são desqualificados e colocados em escala de inferioridade”. (CASTAÑEDA, 2012, p. 10).

Sai Cândido, em meio a gritos e súplicas da escrava, e mesmo a revelação de que ela estava grávida e lutando, em nada sensibilizava o Pai. “-Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.666).

É certo que apesar de capturar uma escrava grávida que lutava por sua vida e seu filho tal como ele, Cândido estava feliz, ainda que não demonstrasse fisicamente: “Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele.” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.666). Segundo Muniz, por esta via, se assemelhavam brancos livres e miseráveis ao negro escravo:

A necessidade material, a falta de especialização profissional e a falta de uma política trabalhista jogavam o trabalhador livre em um estado semelhante ao do negro escravo, pois embora tivesse garantida a liberdade, aquele não tinha a certeza do pão diário. Modernamente diríamos que a liberdade é bem supremo e assim, provavelmente, também pensavam os abolicionistas. (MUNIZ, 1996, p.8).

Machado, porém enxerga além da liberdade que a abolição traria, conforme o trecho de Esaú e Jacó: “A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco.” (ASSIS, 1904 *apud* COUTINHO, 2004a, p. 992).

De volta à narrativa, Cândido chega à casa do senhor e entrega a escrava fujona no intento de receber sua recompensa e pegar novamente seu filho. “Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação.” (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.667).

Mas antes de partir, presencia entre os gemidos da mãe o aborto:

No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre. (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p.667).

Observa-se a ironia do nome sendo desfeita, o que, em uma leitura superficial, é cândido, ou seja, tem um propósito justificado, agora se desmistifica em desastre aos olhos do leitor em um espetáculo horrível. Cândido tem então despida a capa de herói que vestia ao começo da narrativa, e isso acontece em meio às ironias do autor: “Cândido viu todo esse espetáculo. [...] urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre”. Quando do retorno de Cândido à casa com o filho nos braços, Tia Mônica que na narrativa do autor aparece virtuosa e preocupada, é também

desmascarada pela própria atitude hipócrita de criticar a escrava e receber o bebê por que junto com o pai trazia o dinheiro.

Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto. (ASSIS, 1906 *apud* COUTINHO, 2004b, p. 667) (Grifo nosso).

E por fim a justificativa de Cândido igualmente hipócrita, cruel e egoísta:

“- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.”

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Está tirado da caixinha de relíquias de Machado de Assis o conto “Pai contra mãe”, o mais cruel de seus escritos.

Nele, Machado permeia pelas vias sociais do século XIX. Seria ingênuo dizer aqui que o conto se trata pura e simplesmente da escravidão. Trata também, além disso, um ponto importante é observar a crueldade e leveza com que a narrativa, abarcando o tema, é exposta. Mas, como bem disse Machado no ensaio **Instinto de Nacionalidade**: “*O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.*” (ASSIS, 1873 *apud* COUTINHO, 2004a, p.34), ou seja, é preciso além da descrição social ter tato para as situações vividas e interpretá-las.

Schwarz (2002, p.166), explica, ressaltando a dificuldade de precisar, a questão do “brasileirismo” interior a que Machado se refere:

Note-se que as singularidades evidentes do país não estão ausentes no romance de Machado, a que entretanto elas não dão a tônica. Digamos sumariamente que em vez de *elementos* de identificação, Machado buscava *relações e formas*. A feição nacional destas é profunda, sem ser óbvia.

No conto, além da crueldade dos fatos, das convenções sociais; Machado mostra ao leitor problemas ora camuflados, ora sentidos pela sociedade; e isso pode se perceber olhando nas entrelinhas, esmiuçando os dizeres. Assis, além da escravidão, que é o assunto “descarado” do conto, mostra problemas do trabalhador emergente, sobretudo do espaço que ocupa (ou que deixa de ocupar) na sociedade.

Vence o capitalismo com a conjunção do objeto-valor dinheiro e juntamente com isso, tem a salvo a vida da criança branca e a morte da negra. O branco, aqui, representa o Poder e a Ordem:

[...] em nível aparente, pouca é a importância dada à questão escravista, porém a imanência do texto demonstra o contrário, isto é, o ponto de vista da enunciação, veicula-se uma ideologia antiescravista denunciada que é expressa, de forma metafórica. (CASTAÑEDA, 2012, p.9).

Com seu estilo já maduro quando da produção dessa narrativa, utiliza naturalmente a *ironia fina*, que permite retratar os mais cruéis acontecimentos de uma forma quase banal e também permite uma leitura de sentido ambíguo; no qual um dos sentidos, pode levar o leitor a ter pena dos acontecimentos em

relação à escrava e tomar conhecimento da crueldade da escravidão, bem como o aborto como assunto principal.

[...]a palavra que melhor reúne para a crítica do tempo talvez seja *finura*. Ironia fina, estilo *refinado*, evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente[...] uma *filosofia* bastante ácida para dar impressão de ousadia, mas expressa de um modo elegante e comedido, que tranquilizava e fazia da sua leitura uma experiência agradável[...] (CANDIDO, 1995, p.18-19).

Retornando à questão do “sentimento íntimo”, Machado quase que prevê o problema social que emergia no Brasil escravocrata do século XIX: o trabalhador livre.

O branco livre é retratado no conto que expõe o quanto sua vida que é miserável em relação a do escravo fugido. Pode-se olhar por este ângulo: ambos têm liberdade, mas não têm o que, nem como viver com ela, não há em que trabalhar sendo pago, visto que a sociedade opera em regime escravocrata. Machado, mostra o caos em que o “ser livre” se tornaria sem trabalho disponível, sem sua essência na sociedade.

Ano(s) após a Lei Áurea, não havia mais sentido voltar à questão do escravo, no entanto já se vislumbravam para Machado os problemas e as dificuldades que iriam enfrentar o novo e o velho trabalhador livre. Neste caso, a cor da pele terá sua significância relativizada. A miséria não distancia quem dela faz parte, ao contrário, ela iguala os participantes na hora da partilha. (MUNIZ, 1996, p.11).

Ao invés do progresso propriamente dito surge a nova parcela de dependentes no Brasil, daí o estudo de Schwarz (1977), que discorre a respeito da questão do *favor*. Nesta análise que Faoro (1976, *apud* MUNIZ, p. 9) faz a respeito da liberdade, na sociedade que opera em Regime Escravocrata, com isso pode-se perceber o ponto da proximidade que Machado desejava mostrar entre trabalhador livre e escravo:

O enquadramento social do trabalhador livre no contexto da miséria permitiu a Machado de Assis medir o escravo sob ângulo original. Somente ele insistiu na calamidade que a alforria poderia significar para o cativo. O escravo seria livre, mas ficaria sem trabalho e sem pão, entregue à mendicância. O senhor, só ele, lucraria com o ato de generosidade ao se desfazer de uma boca inútil, envelhecida ou estropiada pelo trabalho. A liberdade não passava, nas circunstâncias, de retórica cruel ou de mentira.

Chega-se a um possível por que do autor contextualizar o conto meio século antes da abolição e publicá-lo pouco depois. Segundo Schwarz, para Machado de civilizado a sociedade nada tinha. Em relação ao progresso que a abolição da escravidão e o nascimento do capitalismo supostamente trariam ao Brasil, há que firmar os comentários:

O Machado de Assis tem essa coisa extraordinária de ser cético em relação ao progresso. [...] Oito anos antes da abolição, o Machado de Assis teve a argúcia, teve a inteligência de dizer: aqui vai haver a abolição da escravidão, mas a estrutura básica da sociedade não vai mudar. Quer dizer, não é verdade que o Brasil esteja progredindo em direção de uma sociedade igualitária. (SCHWARZ).

Eu acho que artisticamente ele representou muito bem a forma como essa sociedade criava mecanismos para manter, ao longo do tempo, estratégias de exclusão, de privilégios. Por mais que ela mudasse ela mudava para permanecer a mesma. Como Machado disse isso várias vezes, você pode trocar de roupa sem mudar de [pele](#). (CHALHOUB)⁹.

⁹ Informação verbal obtida no vídeo “Mestres da Literatura”.

CONCLUSÃO

Ao fim do trabalho não há um adjetivo-substantivo-próprio melhor para se referir a Machado senão BRUXO! Observando a forma, ou “maestria”, com que usa as palavras, os temas, enfim a construção de sua obra.

Machado traz para a Literatura Brasileira, uma visão social do país, diferente da visão que os brasileiros tinham com os padrões literários românticos. E ao escrever, é essa mesma a intenção de Machado: escrever sobre o Brasil sem o pitoresquismo romântico. Sem exagerar muito, é com Machado que aparece uma Literatura genuinamente brasileira, por se mostrar sensível aos acontecimentos, às visões de vida ainda que para isso tenha de se colocar em um ângulo diferente, como não menos grandiosamente o faz com *Brás Cubas*.

Com o conto *Pai contra Mãe*, pode-se enxergar o drible de palavras e situações passadas do autor para seus leitores; essa mágica de “esconder”, deixar embaçados assuntos pungentes. Machado também é o Mestre da “insinuação venenosa”, por acoitar essas sugestões sob a cortina do tema aparente ou escrachado nos contos ou em seus romances. Nada melhor que um Bruxo para fazê-lo.

Vê-se quase que um alerta em meio ao desastre do conto, “observe, caro leitor no que dará nosso progresso”; podem-se imaginar estes dizeres nas entrelinhas do conto, obra considerada a materialização do ceticismo do autor.

Machado é o mestre da escrita por usar subentendidos, alusões, eufemismos em contos e romances que não chocam a moral familiar, mas que propõe um alerta a conceitos pré-estabelecidos por uma sociedade que já denunciava preconceitos sociais. É impossível desprezar na leitura das obras de Machado, os fatores socioculturais em que se apoiam os personagens e seus dramas.

Com tudo isso fica uma sugestão, que corrobora a fala de Candido (1995, p. 32): “O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, compendiando os críticos, e abra diretamente os livros de Machado de Assis.”

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. **A pata da gazela**. 15 ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Iracema**. 36. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Lucíola**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1988.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CANDIDO, A. Esquema Machado de Assis. In: **Vários Escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTAÑEDA, I. Z. "Pai contra Mãe": Um olhar Sócio-Psico-Semiótico. **Vozes Dos Vales: Publicações Acadêmicas**, Vale do Jequitinhonha, n. 02, p.1-15, 2012. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/PAI-CONTRA-M%C3%83E-DE-MACHADO-DE-ASSIS-UM-OLHAR-S%C3%93CIO-PSICO-SEMI%C3%93TICO_irene-zanette.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2013.

CASTELLO, A. J. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500/1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil: Era realista, Era de transição**. 6. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2002.

_____. **A Literatura no Brasil: Relações e Perspectivas, Conclusão**. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. (Org.). **Machado de Assis: Obra completa**. Rio De Janeiro: Nova Aguilar, 2004a.

_____. (Org.). **Machado de Assis: Obra Completa**. Rio De Janeiro: Nova Aguilar, 2004b.

FLIP (FESTA LITERÁRIA DE PARATY) (Rio de Janeiro). **Roberto Schwarz: Machado**. Palestra de Roberto Schwarz, 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9n_jqDxEW9s>. Acesso em: 27 jun. 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Machado de Assis, um mestre na periferia**: Mestres da Literatura. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/video/me004498.mp4>> Acesso em: 23 Fev. 2013.

MUNIZ, M. R. C. Uma leitura possível de "Pai contra Mãe" de Machado de Assis. **Revista de Estudos Acadêmicos Unibero**, São Paulo, n., p.1-12, 1996. Disponível em: <http://www.uefs.br/nep/arquivos/publicacoes/uma_leitura_possivel_de_pai_contra_mae_de_machado_de_assis.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2013.

NASCIMENTO, G. M. Machado: Três Momentos Negros. **Terra Roxa e Outras Terras**: Revista de Estudos Literários, Terra Roxa, n., p.53-62, 2002. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol2/V2_GMN.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2013.

PEREIRA, L. M. **Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico**. 4. ed. São Paulo: Brasileira LTDA, 1949.

MEMÓRIA VIVA. **Carlos Drummond de Andrade: A um bruxo, com amor**, Disponível em <<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/a-um-bruxo-com-amor/>>. Acesso em: 08 Jun. 2013.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. **Obra aberta**, 2002. Entrevistador: José Miguel Wisnik. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=m5y1Tc5sKN8>. Acesso em 29 de Mar. 2013.

_____. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL CAMINHOS CRUZADOS (São Paulo). **Caminhos Cruzados: Machado de Assis pela Crítica Mundial**. Intervenção de Roberto Schwarz no Simpósio "Caminhos Cruzados: Machado de Assis pela Crítica Mundial", dia 26 de agosto de 2008, após palestra de Abel Barros Baptista na mesa-redonda "Machado de Assis: nacional e universal". Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=BGIR1mfvEYU&feature=endscreen>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

WELLEK, R; WARREN. A. **Teoria da Literatura e Metodologia dos estudos literários**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

